

6- Considerações finais

Com toda a certeza, há muito mais para ser discutido em torno da obra de Nelson Rodrigues do que foi feito nesse estudo. Na verdade a proposta, aqui, era muito mais a de mostrar uma nova possibilidade de análise dos textos desse grande escritor, muito maior do que a crítica e a academia acreditam. Penso, que muitas questões de sua obra são opacas aos olhos da maioria das pessoas, e, quem sabe, a poesia sublime de Manuel Bandeira poderia ajudar a desanuviar suas vistas.

Aproximar a obra de Nelson com a do poeta pernambucano para muitos era uma coisa absurda. No entanto, em literatura não existe o absurdo, o leitor é livre para buscar o seu próprio caminho para compreendê-la, no meu caso, uma via de mão dupla. À medida que seguia minha trajetória dentro da obra rodrigueana, Manuel Bandeira ia me mostrando a direção, me ajudando a manter o rumo; por outro lado, Nelson também me deu outra visão da poesia de Bandeira.

Podemos dizer que no caso dos dois escritores a experiência do momento está intimamente ligada com a criação. No entanto, não quero, de maneira nenhuma, dizendo isso, reduzi-los a pessoas que apenas passavam para o papel aquilo que viam acontecendo na vida cotidiana. De alguma maneira, em Bandeira, e também em Nelson, vemos o poético brotando das raízes profundas da memória, trazendo imagens do passado que carregam emoções distintas das comuns, já que são oriundas do momento das descobertas da vida, e isso vai se transformando, servindo de combustível para a criação. Nelson releu a realidade de uma maneira bem própria, mas sem jamais deixar de mostrar a verdade ou, se preferirem dizer, *A vida como ela é...*

Essa linha tênue entre o real e a ficção, o jornalismo e a literatura é justamente, aquilo que dá toda uma cara única à obra rodrigueana. O real vira jornal, que é ficcionalizado virando crônicas, que viram contos, que viram teatro, que vira romance, que torna a ser teatro de novo. As estratégias de Nelson Rodrigues sempre estiveram firmadas nas surpreendentes possibilidades que todos os seus críticos cismavam em não reconhecer. No entanto, ele sempre usou de tudo isso para criar e tocar para frente seu projeto, incorporando metáforas que

expressam o desnudamento do universo interior humano e seu conflito entre instinto e religião, emoção e razão. Foi tido como maldito, porque jamais encarou o que a moral e os bons costumes chamam de aberração como fenômenos especiais, assim, incesto, prostituição, crime passionai e traição são meros objetos da complexa psicologia do homem e fazem parte de toda a obra rodrigueana.

Como Berta Waldman escreve no ensaio “A cena e o cio nacional”, “Nelson Rodrigues de certo modo levanta a saia da sociedade brasileira para enxergar-lhe as *vergonhas, as partes baixas*”.⁹⁴ Por isso, ele sempre foi considerado, preconceituosamente, um pornográfico. No entanto, seus críticos parecem não saber o que é, na verdade, uma obra pornográfica. Ao contrário do erotismo, que é sempre subversivo, exatamente porque propõe o gozo como fim em si e possibilita a reunião dos seres, a pornografia estará sempre vinculada a outros objetivos: o prazer sempre dependerá do pacto com a ideologia que ela veicula.

Realmente, podemos dizer que a temática sexual é central na obra rodrigueana, no entanto seu discurso é sempre em defesa do amor. Nelson nunca se cansou de repetir que o sexo em si é o que restou de nossa pré-história, da época em que o homem andava de quatro e fazia o sexo na hora do cio, e a mulher não precisava ser a amada, porque o amor não existia para ele. Se a poesia de Bandeira, como afirma Davi Arriguchi, é uma “busca apaixonada”, a obra de Nelson Rodrigues também o é, ao retratar a incessante busca do ser humano pelo amor — a falta desse, quase sempre, levará a morte.

Há uma crônica de *A vida como ela é...* que é muito interessante para representar essa idéia: “O macaco”. Nessa história, Beata estava para casar não se agüentando de contentamento, porém, na véspera da cerimônia matrimonial, uma amiga a convida para um passeio no Zoológico para conhecer o novo gorila. Chegando do passeio, a menina tem uma conversa com o pai e lhe comunica a desistência do casório.

No dia seguinte, ou seja, o dia que devia ser do casamento, Beata caiu de cama. E, desde o primeiro momento, disse aos pais, às irmãs, com tranqüila e apavorada certeza: “Eu vou morrer”. Estiolou-se dia a dia, hora a hora, sem que médico nenhum pudesse explicar ou, sequer, dar um nome ao mal súbito e misterioso. Que a matava. Em vão perguntavam:

⁹⁴ WALDMAN, 1991p. 79.

“Quem é este homem?”. Ela trancava os lábios e não dizia. Só uma vez, atormentada de febre, balbuciou uma resposta delirante que ninguém entendeu: “Não é um homem...” Morreu dois meses depois. As pessoas que a vestiam para o caixão encontraram, entre os seios da morta, o retrato de um gorila monstruoso recortado de um jornal. Ninguém deu a menor importância à fotografia.⁹⁵

De fato, Nelson parece ter a certeza de que a vida não vale a pena sem amor, sendo ele a única coisa que pode nos tirar de nossa natural solidão, dando nos forças para seguir em frente, lutando contra as adversidades do viver. Por essa razão o escritor entrava num desespero obsessivo diante da imagem de uma mulher de biquíni, a nudez mais incompreendida por ele. Para Nelson, o nu tem importância ímpar para o erotismo humano.

Conforme procurei deixar claro ao longo desse estudo, a nudez representa a própria abertura para o outro, a passagem para a entrega ao ser amado, assim, podemos considerar que, no caso do biquíni, ela está completamente esvaziada de seu sentido primordial. Na verdade, entendo que o maior temor de Nelson — um temor que se concretizou — não era o biquíni em si, mas a fragmentação que a banalização da imagem do corpo desnudo poderia causar na própria relação dos seres humanos com seus objetos de desejo em potencial. Como se a desenfreada exposição dos corpos esfriasse o calor que o desejo deveria fazer arder.

Manuel Bandeira, na estrofe inicial do poema “Espelho” de *O ritmo resoluto*, fala dessa ardência dos corpos nus desencadeada pelo desejo.

Ardo em desejo na tarde que arde!
Oh, como é belo dentro de mim
Teu corpo de ouro no fim da tarde:
Teu corpo que arde dentro de mim
Que ardo contigo no fim da tarde!⁹⁶

Aqui, é apresentado um desejo com um ardor comparável à irradiação calorífica do Sol. Com essa imagem Bandeira consegue capturar o sentido pleno de erotismo, colocando o amante em conjunção total com a amada e por extensão com o Cosmo. O fim da tarde, ao mesmo tempo em que representa o final do dia, também traz sua plenitude, na medida em que, com seu esplendor de cores quentes, se relaciona com o próprio ápice erótico. Além disso, o fim da tarde é o

⁹⁵ RODRIGUES, 2001a, p.203.

⁹⁶ BANDEIRA, 1973, p. 81.

início da noite, que, como já foi dito em outra parte de nosso percurso, é o momento indicado para o amor.

Para Nelson Rodrigues, o biquíni demonstra uma total frieza dos sentimentos da pessoa que se revela, confirmando a idéia do “esmaecimento dos afetos” de Jameson. São tantos corpos nus em nosso cotidiano que está fazendo-se necessário redescobrir o velar para voltarmos a sentir o desvelar. Materiais com características ofensivas e conteúdo sexual explícito não mais escandalizam ninguém e, não só, são recebidos com a maior complacência, como são consoantes com a cultura pública ou oficial.

Nelson, de certa forma, até perdoa Marilyn, na medida em que, pelo menos, ela enriqueceu em virtude de sua nudez, porém o biquíni não tinha nenhuma justificativa, era a “folhinha sem cachê”. Como se a mulher não tivesse nada a ganhar com o uso do biquíni, só a perder, na verdade, todo o erotismo da sociedade, segundo ele, estaria sendo posto em questão. Lembremos da “Primeira canção do beco” de Bandeira: a leitura dos versos, como já foi dito, coloca o leitor diante de alguém atormentado por seu desejo, que é personificado no corpo nu de uma mulher. A provocação do desejo é ardente, como no poema “Espelho”, mas tudo só é assim, porque as mulheres mencionadas em ambos os poemas são mulheres especiais para os amantes, são nus que se abrem apenas para o eleito pelo amor. Isso nos traz a algo que Nelson Rodrigues disse na entrevista à revista *Playboy* em 1979: “Essas feministas imbecis ainda não perceberam que a nudez só interessa quando é oferecida a um único homem, ou pelo menos a um homem de cada vez, entendeu?”.⁹⁷

Vivemos numa sociedade que é escrava de uma ideologia que visa apenas o isolamento dos seres, um mundo que, ao incentivar o individualismo nos cidadãos, retoma a “maldição de Zeus”, deixando os indivíduos fracos, incompletos e desarticulados. Nelson Rodrigues realmente não entendia como as pessoas não sabem fazer a distinção entre sexo e amor, segundo ele, todas as doenças da carne e da alma, “do câncer no seio às angústias sem consolo”,⁹⁸ têm sua origem no sexo sem amor. Nelson gostava de satanizar o mundo a sua volta, de ridicularizá-lo, para com isso expressar suas aflições, desassossegos, seu desconforto de homem que não se encaixava ao presente e vivia preso a um

⁹⁷ RODRIGUES, 1979, p. 32.

⁹⁸ RODRIGUES, 1994, p.188.

passado que, na verdade, era muito mais parte de sua imaginação. Será que realmente aquele tempo, sempre lembrado por Nelson, em que as mulheres desmaiavam, os maridos traídos matavam e os casais faziam pactos de morte, alguma vez existiu?

O mais provável é que não, a ficção rodrigueana sempre carregou nas tintas da emoção humana, criando histórias exageradamente chocantes para, com isso, levar os seus leitores à reflexão. Poderíamos dizer também que a obra de Nelson, dessa forma, corrói os paradigmas de conduta social, marcando a transcendência para um novo momento, levando o homem a aventurar-se nos caminhos do verdadeiro erotismo. As pessoas, no entanto, continuam despreparadas para suportar Nelson Rodrigues e não é possível de se imaginar como ele sobreviveria num mundo chapado e sem sutilezas como o de hoje. Provavelmente, se ficasse triste escreveria, seus escritos continuariam a brotar como uma busca pessoal de resposta para os descaminhos da humanidade. Com certeza, se Manuel Bandeira estivesse vivo a seu lado, confirmaria a extrema necessidade humana de encontrar a sua “boda espiritual” erótica para continuar na luta cotidiana da pós-modernidade.

Boda espiritual

Tu não estás comigo em momentos escassos:
No pensamento meu, amor, tu vives nua
— Toda nua, pudica e bela, nos meus braços.

O teu ombro no meu, ávido, se insinua.
Pende a tua cabeça. Eu amacio-a... Afago-a...
Ah, como a minha mão treme... Como ela é tua...

Põe no teu rosto o gozo de uma Expressão sem mágoa.
O teu corpo crispado alucina. De esforço
O vejo estremecer como uma sombra n'água.

Gemes quase a chorar. Suplicas com esforço.
E para amortecer teu ardente desejo
Estendendo longamente a mão pelo teu dorso...

Tua boca sem voz implora em um arquejo.
Eu te estreito cada vez mais, e espio absorto
A maravilha astral dessa nudez sem pejo...

Eu te amo como se ama um passarinho morto.⁹⁹

⁹⁹ BANDEIRA, 1973, p. 35.